

## Em defesa do “coletivo”.

*“Tenho duas mãos/e o sentimento do mundo”* Drummond de Andrade, C.

*“Quem luta com monstros que se cuida para não se tornar um monstro ao fazê-lo.”* Nietzsche, F.

A pessoa que se quer fazer valer, deve, a princípio, tomar uma decisão. Agir só ou se articular com outras pessoas. Se optar pelo primeiro, deve ter a noção de que suas ações serão pouco eficazes, e acabarão na medida em que a pessoa se acabe, pois, o indivíduo uno e isolado se encontra sujeito aos mesmos infortúnios que outra série de indivíduos, ou melhor, uma coletividade.

Partindo de si mesmo, o confronto é injusto, pois, esse corajoso Davi enfrentará um exército bem organizado de Golias's, ou seja, do outro lado estará toda uma organização, ou organizações, dispostas a tudo para defender seus interesses; então é valeroso o indivíduo se colocar, pois é de sua indignação que nasce a rebeldia, mas vimos uma série de problemas e limites que se impõe a ele, pelo fato de ser um indivíduo. Agora, e caso queiramos nos organizar? Que fique claro, não é intenção do texto, falar de todos os tipos de organização, dado que seriam necessários inúmeros livros com inúmeros volumes, para tal. Falaremos então de dois tipos: Os “partidos” e os “coletivos de base”.

Os partidos, há também inúmeros, falaremos mais especificamente do partido de massas e do partido de quadros. Mas há elementos semelhantes entre ambos, a existência de dirigentes e dirigidos, que se expressa na hierarquia interna, em que os militantes mais experientes ocupam uma posição em que determinam as ações do partido e os novos militantes se “sujeitam voluntariamente” as decisões internas, essa dinâmica das decisões é conhecida como centralismo “democrático”, que de “democrático” só tem o nome; e o aparatismo, que seria pensar a construção do movimento passando necessariamente por entidades, voltada para a construção do próprio partido.

Os partidos de massa, hoje, no caso do Brasil, caracterizados, em termos gerais, no PT, PC do B, PSTU são organizações que aglutinam um grande setor da população, tomam para si um discurso e uma face popular, porém, possui uma casta de burocratas-dirigentes, instaurada, com grande interesse nos rumos do capitalismo e do Estado, que fazem suas as posições do partido. A disputa de interesses é ganha sempre por essa burocracia, ou seja, nosso valeroso Davi, enfrenta a horda de Golias's dentro de sua própria articulação. O “partido de quadros”, isso inclui, em termos gerais, PCO, Ler-qi, POR, LBI, PCR, MNN, PCB, dentre outros, tem em si a ideia de um partido pequeno, pelo fato de manter uma posição coesa e a defesa dela através da defesa de um programa fechado, mantendo a centralidade no programa sob qualquer circunstância.

Os quadros seriam então a vanguarda, ou seja, “a parte mais consciente e mais consequente da classe” decorrente de seu programa e da própria forma de organização. Um pedantismo típico do leninismo. Por isso, esses camaradas, vêm para o movimento, como uma elite vem para seu povo, tentando impor de cima para baixo, todos seus interesses, vide que seu programa é sua bíblia e vai ter que ser engolido; tomemos cuidado.

O “coletivo de base” difere profundamente dessa concepção de organização. Inicialmente a relação se dá de modo horizontal, não há dirigentes instituídos, logo a hierarquia interna inexistente; as decisões do que fazer, como fazer e em que situação fazer são construídas coletivamente, de modo autogestionário, ou seja, todos indivíduos que compõem esse grupo, debatem abertamente o que é esse coletivo e todas suas ações. O “coletivo de base”, irá prezar, sempre, pelo “trabalho de base”, ou seja, atuar no seio do conjunto de indivíduos em que está inserido, buscando construir o movimento, e não toma-lo para si. Há no “Coletivo” uma divisão de tarefas para que não se sobrecarregue uns e outros fiquem sem nenhum compromisso, sendo as tarefas sempre rotativas; todos fazem tudo. Para efetivação das ações deliberadas, é importantíssima a noção de responsabilidade do indivíduo para com o coletivo – tarefa tomada é tarefa cumprida!

Assim as pessoas podem defender suas posições individuais contando com o aporte de um grupo na construção de uma prática coletiva coerente. Vale ressaltar a importância vital da autogestão e da ação direta, não delegar funções, o coletivo fazendo por ele mesmo o que a ele diz respeito, como método de organização e de ação, para combater o elitismo, a hierarquia, a lógica aparatista e a burocratização; elementos característicos do capitalismo que, em verdade, de nada servem para que se organize um movimento genuinamente comprometido com a profunda transformação da sociedade.

**C.A.SO. Coletivo de Ação Social**

**Marília/SP**